

ANÁLISE COMPARATIVA DO DESEMPENHO ACADÊMICO ENTRE ESTUDANTES NEURODIVERGENTES E NÃO NEURODIVERGENTES NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO

Anelise Linhares Montes Bernardes¹

Gerley Adriano Miranda Cruz¹

Agna Freitas de Oliveira¹

Maria Carolina Mota Mendes¹

Jalsi Tacon Arruda¹

Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA¹

RESUMO

Introdução: Estudos apontam que há diferenças sobre a inclusão no ensino superior para pessoas com neurodivergências. O ambiente universitário ainda apresenta barreiras pedagógicas, sociais e institucionais que repercutem diretamente no desempenho acadêmico desses alunos, sobretudo quando comparados a estudantes não neurodivergentes. **Objetivo:** este estudo propõe uma revisão de literatura sobre o tema, buscando analisar criticamente o papel das práticas pedagógicas, das condições institucionais e dos aspectos psicossociais na promoção de uma formação universitária inclusiva e de qualidade. **Métodos:** este estudo configurou-se como uma revisão de literatura de caráter qualitativo. A análise do conteúdo selecionado seguiu o referencial metodológico e resultou em três categorias principais: desempenho acadêmico, estratégias institucionais e adaptação psicossocial. **Resultados:** as análises dos estudos mostraram de forma consistente que os estudantes neurodivergentes tendem a enfrentar um percurso acadêmico mais desafiador do que seus colegas não neurodivergentes. **Conclusão:** a análise comparativa mostra que estudantes neurodivergentes têm potencial para alcançar o mesmo nível de desempenho acadêmico que seus colegas não neurodivergentes, desde que encontrem um ambiente que os acolha e ofereça suporte adequado. E, ainda, as diferenças não são apenas as limitações cognitivas, mas sim devido a fatores contextuais, como a ausência de políticas inclusivas e a falta de capacitação docente para lidar com a diversidade em sala de aula.

Palavras-chave: autismo; desenvolvimento; ensino superior; neuroatípicos.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre inclusão no ensino superior vem se intensificando nas últimas décadas, especialmente diante da necessidade de garantir equidade para grupos historicamente marginalizados. Entre esses grupos, destacam-se os estudantes neurodivergentes, cujas particularidades cognitivas e comportamentais como as encontradas no Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), dislexia, entre outras classificações, desafiam os modelos tradicionais de ensino e avaliação. Apesar da crescente valorização da diversidade, o ambiente universitário ainda apresenta barreiras pedagógicas, sociais e institucionais que repercutem diretamente no desempenho acadêmico

desses alunos, sobretudo quando comparados a estudantes não neurodivergentes (COSTA et al., 2025).

Estudos apontam que tais diferenças não se devem a limitações cognitivas, mas sim a fatores contextuais, como a ausência de políticas inclusivas e a falta de capacitação docente para lidar com a diversidade em sala de aula (SILVA; DI BENEDITTO, 2022). Além disso, questões relacionadas a adaptação psicossocial, como as habilidades sociais e as expectativas acadêmicas, revelam-se determinantes para o sucesso ou fracasso na trajetória universitária (SILVA, 2024). A investigação de Costa et al. (2025) demonstra que até mesmo professores autistas encontram obstáculos institucionais, evidenciando que os desafios da neurodiversidade no ensino superior são estruturais e não restritos apenas ao corpo discente.

Diante desse cenário, torna-se relevante compreender de que forma o desempenho acadêmico de estudantes neurodivergentes se compara ao de estudantes não neurodivergentes, identificando os fatores que favorecem ou limitam essa equidade. Assim, este estudo propõe uma revisão de literatura sobre o tema, buscando analisar criticamente o papel das práticas pedagógicas, das condições institucionais e dos aspectos psicossociais na promoção de uma formação universitária inclusiva e de qualidade.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo configurou-se como uma revisão de literatura de caráter qualitativo, fundamentada no método de Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Foram consultadas as bases de dados: SciELO, CAPES Periódicos, Google Scholar e ERIC (Education Resources Information Center), selecionadas por sua ampla cobertura em pesquisas educacionais e em estudos sobre neurodiversidade no ensino superior, buscando compreender de forma crítica e contextualizada os principais fatores que influenciam o desempenho acadêmico de estudantes neurodivergentes em comparação com os não neurodivergentes.

O levantamento bibliográfico adotou um recorte temporal de 2010 a 2025, a fim de contemplar produções clássicas e discussões contemporâneas acerca da temática.

Foram definidos como critérios de inclusão: (a) estudos em português, inglês ou espanhol; (b) publicações vinculadas ao ensino superior; (c) trabalhos que

abordassem neurodiversidade, desempenho acadêmico, inclusão pedagógica ou adaptação psicossocial. De exclusão: (a) estudos focados exclusivamente em educação básica; (b) estudos sem fundamentação metodológica; (c) duplicidades entre bases.

A análise do conteúdo seguiu o referencial metodológico de Bardin (2011), em três etapas: (a) pré-análise com seleção do material; (b) categorização temática; e (c) interpretação crítica. Dessa análise emergiram três categorias principais — desempenho acadêmico, estratégias institucionais e adaptação psicossocial — que serviram como fio condutor para a discussão dos resultados.

RESULTADOS

A revisão mostrou de forma consistente – a partir da análise de quatro estudos selecionados - que os estudantes neurodivergentes tendem a enfrentar um percurso acadêmico mais desafiador do que seus colegas não neurodivergentes. Essas diferenças, entretanto, não se explicam por incapacidade cognitiva ou falta de potencial, mas sim pelas barreiras estruturais, sociais e pedagógicas ainda presentes no ensino superior. Em outras palavras, não é o estudante que “falta capacidade”, mas sim o ambiente que, muitas vezes, não está preparado para acolher sua forma singular de aprender e participar da vida universitária.

1. Desempenho acadêmico: Embora possuam potencial equivalente ao dos estudantes não neurodivergentes, os neurodivergentes frequentemente registram notas mais baixas e maior risco de evasão quando não encontram condições adequadas de suporte. Isso ocorre porque enfrentam currículos inflexíveis, métodos avaliativos rígidos e uma cultura institucional que valoriza padrões homogêneos de aprendizagem. Já os estudantes não neurodivergentes, em ambientes convencionais, encontram menos barreiras para sua permanência e sucesso acadêmico, o que evidencia que o desafio está no sistema e não no indivíduo (SILVA, 2024).

2. Estratégias institucionais: As práticas inclusivas descritas por Silva e Di Benedetto (2022) aparecem como um divisor de águas. Medidas como a flexibilização das formas de avaliação, a adaptação dos materiais didáticos, a clareza na comunicação docente e o uso de recursos de acessibilidade criam condições para que estudantes neurodivergentes possam demonstrar seu real potencial. Nessas circunstâncias, a comparação com os colegas não neurodivergentes deixa de revelar

desigualdades, mostrando que o apoio institucional é capaz de reduzir significativamente as diferenças de desempenho.

3. Adaptação psicossocial: A adaptação à vida universitária vai além do desempenho acadêmico: envolve também pertencimento, relações sociais e expectativas em relação ao futuro. A pesquisa de Silva (2024) indica que estudantes neurodivergentes que conseguem desenvolver habilidades sociais e alinhar suas expectativas acadêmicas tendem a se adaptar melhor ao contexto universitário. Porém, quando esse suporte falta — seja por ausência de políticas de acolhimento, seja pela falta de sensibilização da comunidade acadêmica —, o risco de isolamento social, sofrimento psíquico e abandono do curso aumenta consideravelmente. Esse achado foi corroborado por dois dos quatro estudos incluídos, reforçando a relevância do suporte emocional e institucional.

4. Ambiente universitário: O estudo de Costa et al. (2025) chama atenção para uma dimensão muitas vezes invisibilizada: a barreira cultural. O preconceito velado e a falta de reconhecimento da neurodiversidade ainda estão presentes, tanto na experiência de docentes autistas quanto na de estudantes. Essa invisibilidade reforça a sensação de não pertencimento e impacta diretamente no desempenho acadêmico, já que ambientes hostis ou pouco receptivos dificultam o engajamento e a permanência. Este foi o único estudo, dos quatro, a enfatizar diretamente a perspectiva do docente, ampliando a compreensão sobre o ambiente institucional contribui para experiências de exclusão e para o sentimento de não pertencimento.

De modo geral, a literatura revisando os quatro estudos converge em um ponto essencial: as diferenças observadas entre estudantes neurodivergentes e não neurodivergentes não estão relacionadas à capacidade intelectual, mas sim ao grau de acessibilidade, suporte e acolhimento que as universidades oferecem. Em contextos inclusivos, os desempenhos se aproximam; em contextos excludentes, as desigualdades se ampliam.

CONCLUSÃO

A análise comparativa mostra que estudantes neurodivergentes têm potencial para alcançar o mesmo nível de desempenho acadêmico que seus colegas não neurodivergentes, desde que encontrem um ambiente que os acolha e ofereça suporte adequado. Quando isso não acontece, o caminho universitário torna-se mais

difícil, marcado por maior risco de evasão, dificuldades de adaptação e resultados acadêmicos abaixo do esperado — não por incapacidade, mas pela falta de condições justas de aprendizagem.

Os estudos revisados deixam claro que a inclusão não pode se resumir a ajustes pontuais. É preciso uma transformação mais ampla, que envolva políticas institucionais consistentes, capacitação docente e a construção de redes de apoio que deem segurança emocional e pedagógica ao estudante. Ao mesmo tempo, a universidade deve enxergar a neurodiversidade não como um desafio a ser “contornado”, mas como uma oportunidade de enriquecer a produção de conhecimento e de tornar o espaço acadêmico mais plural e criativo.

Conclui-se que a verdadeira equidade acadêmica só será alcançada quando a diversidade for reconhecida e valorizada como parte essencial da vida universitária. Estratégias pedagógicas acessíveis, práticas inclusivas e um olhar sensível para as diferentes formas de aprender são, portanto, o caminho para que todos os estudantes possam desenvolver plenamente suas potencialidades e contribuir para um ensino superior mais justo e humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANÁLISE DE CONTEÚDO: A VISÃO DE LAURENCE BARDIN. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/291/156>. Acesso em: 15 out. 2025.

COSTA, Ailton Barcelos da et al. Challenge of being an autistic higher education teacher in Brazil. **Autism Spectrum News**, 2025.

SILVA, K. J. Habilidades sociais e expectativas acadêmicas como indicadores da adaptação de estudantes neuroatípicos ingressantes à universidade. **Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco**, Recife, 2024.

SILVA, K. J.; DI BENEDITTO, M. A. A. Boas práticas com estudantes neurodiversos: orientações para docentes do ensino superior. **Campos dos Goytacazes: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro**, 2022.